

“Uma universidade se renova e se constrói a cada dia”

Após oito anos à frente de uma das maiores Instituições Federais de Ensino Superior de Minas Gerais, ou melhor, uma das instituições do Estado que mais cresceu recentemente, o reitor da Universidade, prof. Pedro Angelo Almeida Abreu, conversa com a equipe do Jornal da UFVJM e afirma que administrou centenas de milhões de reais em investimentos para implantar os espaços físicos necessários e indispensáveis para o funcionamento pleno de uma universidade, espaços esses equipados com o que existe de melhor e de mais moderno na academia. Confira as informações coletadas na entrevista.

O senhor poderia nos contar um pouco sobre suas origens familiares e quais as principais lembranças da sua infância?

Nasci na cidade de Fortaleza no final da tarde do dia 11 de dezembro de 1953, assistido por parteira e pesando 5,2 kg, sendo o sexto filho de uma prole de nove. Portanto, tenho hoje 61 anos e mantenho muitas boas lembranças da minha infância e adolescência, sobretudo a vida simples, espontânea e sem medos que tínhamos ocupando os espaços dos bairros em que morei, onde exercitávamos as aventuras de uma vida ao ar livre, praticando as irreverências próprias da infância e as pequenas transgressões inerentes às atividades das crianças e adolescentes, mas sem nunca desrespeitar os mais velhos, os pais e os mestres. Durante as férias escolares experimentei momentos espetaculares na cidade de Redenção, onde viviam meus avós paternos, alternando com férias na fazenda assentada no sertão central do Ceará, onde tive as maiores lições de vida, aprendendo com o sertanejo e compreendendo a situação física e humana do semiárido que domina o sertão.

O senhor tem integrantes da sua família que foram profissionais da educação, da administração pública, da pesquisa?

Na atividade de educação tive apenas algumas tias que lecionavam para o Ensino Básico. Alguns irmãos são profissionais liberais, mas nenhum trabalhou ou trabalha com pesquisa. Dois tios atuaram na gestão pública, um em prefeitura municipal e outro no governo estadual e como deputado. Sou descendente de uma família de imigrantes portugueses, pessoas simples, obstinadas e trabalhadoras. Meu avô paterno chegou ao Brasil em 1915 e casou-

-se com a minha avó em 1917; ela havia ficado viúva aos 24 anos, um ano antes. Meu avô materno chegou ao Brasil em 1924, deixando a minha avó grávida da minha mãe em Portugal, indo buscá-las quatro anos mais tarde.

O senhor poderia nos contar como se deu sua história acadêmica? Onde realizou sua formação?

Graduei-me em Geologia pela Universidade de Fortaleza, universidade privada com sede na cidade de Fortaleza. Concluí o mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro e o doutorado na Universidade de Freiburg (Alemanha). Realizei pós-doutorado na Universidade de Kansas (USA) e defendi minha tese de livre docência nas então Faculdades Federais Integradas de Diamantina (Fafeid), hoje UFVJM, para assumir a cadeira de professor titular nesta Instituição.

Como o senhor chegou a Diamantina? E por que veio para cá?

Durante minha formação em geologia pela Universidade de Fortaleza fiz dois estágios junto ao Centro de Geologia Eschwege, em Diamantina, ocasiões que me permitiram uma aproximação com o corpo técnico-científico da Instituição e me propiciaram, assim, alinhar um estágio/aperfeiçoamento em pesquisas de campo voltadas para estratigrafia. Os estágios no então Instituto Eschwege despertaram em mim o interesse pela pesquisa científica, especialmente através de trabalhos de campo. Sem dúvida que as especificidades da geologia da região e a belíssima paisagem da Serra do Espinhaço contribuíram, e muito, para atrair-me a estas plagas. Em aqui chegando, fui tragado pela geologia, pelo trabalho docente, pela cidade...



Antes de vir para a UFVJM, o senhor já havia sido gestor público? O senhor havia experimentado o empreendedorismo antes de estar à frente da Reitoria?

Estive na gestão do Centro de Geologia Eschwege, órgão complementar do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com sede em Diamantina, de 1985 a 1987 e de 1993 a 1998.

O senhor sempre pensou que poderia ser reitor da UFVJM?

Certamente que não, até porque quando fui redistribuído da UFMG, vim para uma instituição que era, então, muito pequena, contando com apenas oito cursos de graduação (nenhum da área de geociências). Na ocasião havia sido transformada em Faculdades Federais Integradas de Diamantina a partir de uma instituição de curso isolado, que era a Faculdade Federal de Odontologia de Diamantina

(Fafeod). Naqueles idos de 2002, não havia nenhuma perspectiva de transformação da Fafeid em uma universidade. Mas tão logo ingressei na Instituição, a pedido da então diretora geral, professora Mireille São Geraldo dos Santos Souza, fui absorvido para atuar na gestão administrativa como diretor da Faculdade de Ciências Agrárias, certamente em face do currículo que trazia comigo da UFMG.

Durante sua gestão na Reitoria da UFVJM, qual foi o momento que mais o emocionou?

Na verdade, minha natureza não é de sentir emoções fortes, haja vista nunca ter conseguido dissociar, na esfera da minha atividade profissional, o que é obrigação e dever, do que é direito, pois sempre tive imensa satisfação pelo trabalho que exerço. Certamente, por isso, jamais pensei em abandonar a academia e, desde que entrei na universidade como acadêmico, em 1973, passei a vivê-la como parte indissociável da minha vida. Tudo de bom ou de melhor que conseguimos alcançar na gestão veio acompanhado do sentimento de “dever cumprido” e sempre com a autocrítica de que qualquer outro gestor poderia tê-lo feito igual, ou melhor, ou mesmo muito mais do que consegui fazer. Portanto, minhas emoções foram assimiladas como o cumprimento da missão no dia-a-dia da rotina da gestão, embora, de quando em vez, tenhamos nos dado o direito de comemorar, em ambiente de lazer, uma ou outra conquista. Durante a minha vida profissional tive uma grande emoção quando do retorno ao Brasil, vindo do doutorado na Alemanha, após ter passado por quatro anos difíceis estudando em um país distante, de cultura e clima diferentes para habitantes dos trópicos, com três crianças pequenas para dividir a atenção. Isso ocorreu quando recebi a notícia dada pela própria

universidade alemã de que havia sido agraciado com o maior prêmio concedido pela Instituição para os trabalhos de pesquisas relacionadas a teses lá desenvolvidas. Nesses quatro anos que lá vivi era tomado, de quando em vez, por certo sentimento de culpa quando lembrava o imenso investimento que o Brasil estava a fazer na minha pessoa para estudar em um país estrangeiro, ocasião em que recordava do povo pobre e esquecido do sertão do Ceará e dos grotões do Vale do Jequitinhonha. No dia da notícia da premiação fui tomado por uma imensa emoção, por um sentimento de orgulho que me tirou aquele peso que carregava sobre a pertinência de o país ter feito aquele investimento na minha pessoa. Na conjuntura vivida na Alemanha, o esforço para retornar com a tese concluída e defendida foi quase sobre-humano, mas também foi prazeroso adentrar o gabinete do Chefe do Departamento de Geologia da UFMG e entregá-lo uma cópia em mãos, apresentando-me de pronto para reassumir minhas funções de docente.

Quais foram as maiores dificuldades que o senhor enfrentou como reitor?

Os problemas, na verdade, como gestor, são os mesmos de sempre como docente, como membro da comunidade acadêmica: conviver com o desinteresse de pessoas que não honram a academia e muito menos o serviço público, colocando os interesses pessoais à frente do interesse institucional e da coletividade. São pessoas que promovem o atraso da universidade e do país, ancoradas em uma estabilidade que se faz nociva, exaltando-se no democratismo que fere os princípios democráticos e republicanos. Por isso gosto de lembrar e repetir o dizer do meu conterrâneo Capistrano de Abreu (não era meu parente): “Todo brasileiro fica obrigado a ter vergonha na cara!”.

Como o senhor definiria o seu legado?

Bom, em primeiro lugar deve ser dito que o legado é do reitorado e não do reitor, portanto, o legado é de uma equipe composta por cerca de três dezenas de pessoas que trabalharam intensamente nas pró-reitorias, assessorias e diretorias da administração central. Não tenho convicção se bem os auxiliei ou não no trabalho, pois tudo de bom e bem feito do nosso reitorado credito aos membros da equipe e assumo sozinho todos os erros e negligências que ocorreram durante esses oito anos.

E os investimentos trazidos para a UFVJM?

Foram centenas de milhões de reais em investimentos para implantarmos os espaços físicos necessários e indispensáveis para o funcionamento pleno de uma universidade, espaços esses equipados com o que existe de melhor e de mais moderno. Falo com a autoridade de quem bem conhece universidades europeias e americanas. Montamos bibliotecas robustas e diversificadas aportando todo o acervo requerido pelos docentes em exercício. Pensar na existência da UFVJM e dos seus *campi* em 2002 seria um devaneio; por isso meu imenso respeito, reconhecimento e gratidão aos presidentes Lula e Dilma, por isso minha deferência aos parlamentares que foram partícipes na construção desse patrimônio que rivaliza sua importância com a própria civilização. Reitero que este reitor foi apenas um agente que intermediou a captação da riqueza que fez realidade a nossa UFVJM.

O que o senhor considera como uma aposta positiva e de crescimento para os próximos anos de administração da UFVJM?

Repito o que já disse: nem mesmo em 100 anos se constrói uma universidade, ente que se re-

nova e se constrói a cada dia e que almeja ser a vanguarda do tempo. Portanto, cabe à gestão da universidade buscar as oportunidades ou aproveitar aquelas que surgem e servem aos propósitos da instituição e muitas oportunidades somente podem ser aproveitadas, de fato, com uma postura e reação positivista. Consolidar os nossos cursos de medicina e os nossos *campi* de Janaúba e de Unaí é um grande desafio para os próximos quatro anos, sem perder de vista - se Deus quiser e o dinheiro der - atender ao compromisso de iniciar a implantação dos novos *campi* dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri, pois além de um compromisso da UFVJM é uma dívida que o país tem para com o nosso povo.

O que o senhor vê como sendo o próximo desafio?

Alguns tópicos não podem sair de pauta se pensarmos a UFVJM como uma autêntica universidade, pois não existe meia universidade e se não é uma universidade não passa de “quitanda de ensino”. Dentre os muitos tópicos, alguns são prementes para não se perder o acesso às janelas de oportunidades que ora transitam o mundo acadêmico nacional e internacional: inovação tecnológica via parques tecnológicos próprios; internacionalização da universidade via pesquisa e pós-graduação e cooperação interinstitucional; agregar valor a todos os cursos e programas da Instituição muito mais pelo estímulo e incentivo do que pelo aporte de bens e recursos. Mas, nada disso ganhará a devida dimensão se a mesquinha que permeia o nosso meio acadêmico não for superada e vislumbro como único e exclusivo caminho a erradicação da politicagem barata de interesse estritamente pessoal e corporativo que está a ganhar adeptos e intensidade em setores e colegiados da Instituição. Carreirismo desmantela irremediavelmente qualquer organização - o registro histórico é cruel nesse testemunho.

Como o senhor imagina o dia 1º de agosto, quando não será mais reitor?

Reassumir, de imediato, minha postura recatada e retomar aquelas atividades da rotina acadêmica que deixei há oito anos, certamente com o sentimento de dever cumprido. Pretendo fazer um es-

tágio sênior de forma a atualizar os conhecimentos científicos da minha área de atuação. Também terei mais tempo para visitar os meus filhos que moram em outras cidades e muito mais tempo para refletir e escrever (exercitando o senso crítico).

O seu nome já surgiu em Diamantina como uma possibilidade para ser candidato a prefeito da cidade. Existe algum plano para a próxima eleição?

Tornei-me representante/líder estudantil, nos idos de 1976, motivado pelo próprio regime militar, ou seja, a norma daquele regime exigia que os representantes estudantis fossem alunos com boas notas e sem punições disciplinares. Apesar do meu comportamento recatado, fazia minhas críticas e manifestava minhas opiniões nas assembleias estudantis e por isso fui demandado a assumir essa representação política. Pelo hábito de me dedicar com afinco às responsabilidades que assumo, em pouco tempo as atividades de representação estudantil passaram a repercutir no meio político-partidário, e os dois partidos existentes à época (MDB e Arena) passaram a me procurar para uma filiação e ingresso na atividade política - refutei as propostas, convicto que havia abraçado a formação para a profissão que queria exercer, no caso a geologia, atividade com foco diverso do exercício político-partidário. Assumi a profissão de geólogo e muito cedo voltei à academia como docente e pesquisador portando o mesmo comportamento recatado, mas sem abandonar o senso crítico e questionador e, em razão de problemas na condução da administração do Centro de Geologia Eschwege, fui exortado a assumir a gestão daquele órgão. Situação similar ocorreu quando do meu ingresso na FAFEID/UFVJM: fui exortado a assumir (disputar) a reitoria em momento crítico relacionado à administração da Instituição. Veja, todas as vezes que assumi cargos administrativos foi em decorrência de situações que podemos dizer “especiais” (não sei dizer se estava no lugar certo na hora certa, ou se no lugar certo na hora errada!). Bem, não sou nem nunca fui filiado a agremiações político-partidárias e nem pretendo sê-lo. Meu comportamento e pensamento algo positivista contrasta com o nosso sistema político, que exige composições heterogêne-

as para sucesso em pleitos eleitorais, especialmente para cargos majoritários, e o resultado desse quadro é a composição de equipes de gestão que atendem, sobretudo, a conchavos políticos, inclusive para compor uma base de governabilidade. Ora, na minha concepção, quem administra é a equipe de gestão, sendo o gestor apenas o intermediador. Se compararmos a gestão pública a uma orquestra, a música é executada pelos membros da orquestra, cabendo ao maestro “apenas” reger essa orquestra, ou seja, a música, que representa a razão de ser da orquestra, não é executada pelo maestro (gestor). Nessa perspectiva, como aceitaria administrar um município sem que pudesse compor uma equipe de minha confiança para exercer de forma eficiente e qualificada a gestão pública?

Nas suas horas de lazer, o que o senhor sempre fez e gosta de fazer?

Ler poesias e livros de literatura geral, praticar atividades físicas e, também, reunir amigos e parentes em casa para cantarmos ao som do violão MPB, Bossa Nova, boleros caribenhos e outras variedades de músicas. Nos fins de semana encontrar com amigos em bares ao ar-livre para falar de política (inclusive universitária) e de temas que resultam em boas gargalhadas.

Uma mensagem para finalizar...

Minha gente, vamos aportar um pouco mais de paixão, um pouco mais de poesia, um pouco mais de alegria, um pouco mais de vitalidade à nossa universidade. Todos nós passaremos, “Todos esses que aí estão, Atravancando o meu caminho, Eles passarão... Eu passarinho!” (Mário Quintana). A UFVJM não passará, mas restará para as futuras gerações, que inclui nossos descendentes das várias gerações futuras, aquilo de bom ou de ruim que fizermos ou que deixarmos de fazer.

